

A análise das transformações que vêm ocorrendo em alguns discursos pedagógicos, no Brasil, tem se mostrado interessante e bastante útil para compreendermos os processos de produção e de circulação do conhecimento em Educação. No que concerne ao campo semântico que tem como centro a *disciplina* (naquilo que eu denomino “eixo dos saberes”), assinalo (Veiga-Neto, 1996, 2006) diversas ressignificações que mostram tanto mudanças de ordem ética e política de certos compromissos educacionais quanto continuidades e rupturas epistemológicas na ordem dos discursos pedagógicos, ao longo do tempo. Nesse campo semântico, por exemplo, nas últimas décadas algumas palavras e expressões surgiram, tornaram-se moda e até desapareceram, enquanto que outras permaneceram em uso mas passaram por ressignificações, a ponto de serem usadas em sentidos que parecem se opor àqueles que se lhe atribuíam quando entraram em circulação.

Em que pese as diferenças entre as perspectivas filosóficas do Segundo Wittgenstein e de Michel Foucault, parecem promissoras as tentativas de conectar alguns conceitos da pragmática não representacional wittgensteiniana com a análise foucaultiana do discurso e, até mesmo, com a arqueologia e a genealogia desenvolvidas pelo francês.

Seguindo o Segundo Wittgenstein, assumo que mesmo que se atribuam determinados significados (*Bedeutung*) às palavras, elas, por si só, só farão sentido (*Sinn*) na medida em que representarem um estado de coisas, uma ação ou uma situação. É pelo uso que se faz de uma palavra que ela adquire um significado; é claro que o uso não é livre, senão que segue regras —explícitas ou implícitas, pouco importa—, cujo conjunto o filósofo chamou de gramática. A gramática, ao mesmo tempo que determina os usos possíveis, é determinada por tais usos. Convém ter claro que, aqui, “usos possíveis” praticamente equivale a usos racionais, isso é, usos para os quais podemos dar razões plausíveis dentro de uma cultura e de uma determinada forma de vida.

No caso da disciplina e das palavras dela derivadas, a articulação entre tais entendimentos e a análise dos sistemas de exclusão e dos procedimentos de controle e de delimitação dos discursos —externos e internos a esses— contribuem para que se estabeleçam algumas bases vocabulares comuns, de modo a se saber, a cada momento, sobre o que está sendo dito. Mas talvez mais importante do que isso, contribuem também para que se conheçam com mais detalhes os processos de produção e circulação dos conhecimentos disciplinares, bem como os processos de sua apropriação na forma de currículos escolares.

Referências:

VEIGA-NETO, Alfredo. *A ordem das Disciplinas*. Porto Alegre, PPG Educação/UFRGS. 1996. Tese de Doutorado.

VEIGA-NETO, Alfredo. Tensões disciplinares: recompondo antigos temas. In: SILVA, Aida Maria M. et alii (org.). *Novas subjetividades, currículo, docência e questões pedagógicas na perspectiva da inclusão cultural*. Recife: ENDIPE, 2006. p.137-159.